



DIDÁTICA E AVALIAÇÃO: UMA CAMINHADA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES

GRANGEIRO, Manuela Fonseca - UECE¹

COSTA, Elisângela André da Silva - UFC²

Grupo de Trabalho - “Didática: Teorias, Metodologias e Práticas”
Agência Financiadora: “Não contou com financiamento”

Resumo

A avaliação tem sido pauta de inúmeras discussões entre grupos que questionam as avaliações realizadas de modo geral. Esse texto tem como objetivo registrar a experiência de formação, a partir dos temas planejamento e avaliação, discutidos na disciplina Didática do Ensino Superior do curso de especialização em Gestão Escolar de uma universidade pública do Ceará. Os alunos tiveram oportunidade não só de conhecer a temática, mas de praticar, avaliando a dinâmica da disciplina, passando inclusive pela avaliação do professor. Para contemplar esses temas, foi feito também um trabalho com pesquisa, onde os participantes entrevistaram gestores ou coordenadores escolares. A sala de aula é um espaço de possibilidades, como também de limites à prática docente. Este espaço deve abrigar ações que mais favoreçam o aprendizado do aluno. O professor deve estar preocupado em trazer para este espaço, procedimentos metodológicos que melhor favoreçam o aprendizado do aluno. A capacidade de abrir o espaço para avaliação por parte dos alunos é uma maneira de contribuir com a maturidade profissional deste, além de ser um instrumento importante no planejamento das práticas docentes posteriores, o que o coloca também num processo contínuo de construção de sua própria formação, no momento em que aprende com a avaliação e redesenha suas práticas. Esse é um desafio e uma busca constante do professor, interagir com os meios que melhor possam alcançar o aprendizado do aluno, com instrumentos pedagógicos, procedimentos metodológicos e avaliativos coerentes com os conhecimentos e valores por eles defendidos. Os principais teóricos que fundamentam esse texto são: Pimenta e Anastasiou (2005) Lima (2004), Libâneo (2006).

Palavras-chave: Planejamento. Avaliação. Formação de Professores. Ensino e Pesquisa.

Introdução

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Bolsista CAPES. Mestre em Educação pela Universidade Estadual do Ceará. Professora colaboradora de programas especiais e do Curso de Pedagogia da Universidade Aberta do Brasil/Universidade Estadual do Ceará. E-mail: manugrangeiro@hotmail.com.

² Doutoranda em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará. Professora da Faculdade Católica Rainha do Sertão. E-mail: elisangelahorizonte@yahoo.com.br.

Na busca incansável por qualificação, o professor muitas vezes se perde do significado dessa busca; uma oscilação entre a formação continuada no sentido de aprofundamento teórico para ter melhor consistência em sua prática e, por outro lado, as exigências do mercado de trabalho que tem exigido cada vez maior nível de qualificação profissional. Nesse universo, encontram-se os inúmeros cursos de Pós-graduação *latu sensu*, ofertados nas Universidades para favorecer uma melhor formação profissional. Nestas formações estão os professores formadores com suas metodologias, instrumentos pedagógicos, conteúdos, enfim, uma bagagem profissional que vai diferenciar um professor do outro.

Nesse contexto tem a sala de aula que é um espaço que oferece possibilidades, como também limites à prática docente. Este espaço deve abrigar ações que mais favoreçam o aprendizado do aluno. Porém, encontramos as mais diversas conduções metodológicas onde, ora o professor posiciona-se distante, enclausurado pelo seu saber, ora posiciona-se próximo, reconhecendo o saber que o aluno traz e facilitando a construção de novos saberes. De uma forma ou de outra, é necessário avaliar não só o dia-a-dia neste ambiente, como também avaliar a disciplina, a metodologia, os achados e aprendizados, o conteúdo, e a própria avaliação. Isso só acontece quando conseguimos ver o espaço de sala de aula como espaço de produção de conhecimento, com muitas possibilidades a partir da interação. Dessa forma, a função do professor seria de promover esse diálogo com troca de saberes potencializando assim capacidade de produzir novos conhecimentos, enriquecendo o debate e provocando a reflexão sobre as experiências e o próprio conteúdo.

Com base em estudos nessa direção e preocupadas com um melhor aproveitamento dos alunos quanto ao aprendizado, temos procurado trazer para o espaço de sala de aula procedimentos metodológicos e avaliativos coerentes com os valores e conhecimentos, e dispostas a ver até que ponto realmente a metodologia alcançou o aprendizado. Para o professor é necessário ter coragem e humildade para, inclusive, avaliar a disciplina, dando ao aluno a possibilidade de ser verdadeiro nesta avaliação de conteúdo, do professor, dos instrumentos e metodologia.

Esse texto tem como objetivo registrar a experiência de formação, a partir do planejamento e avaliação da disciplina Didática no Ensino Superior do curso de especialização em Gestão Escolar de uma universidade pública do Ceará, turma 2012, mais especificamente as temáticas de Planejamento e Avaliação.

A disciplina mencionada teve uma carga-horária completa de 60h, que foram divididas entre três professoras, uma ficou com a parte de formação docente e profissional e metodologias com 30h/a e nós duas ficamos com a parte de planejamento e avaliação, 30h/a organizadas em 6 dias com 5h/a cada dia.

Como fundamentação teórica desse texto, utilizamos como principais fontes Pimenta e Anastasiou (2005), Lima (2004), Libâneo (2006), entre outros.

Planejar para quê?

As práticas desenvolvidas em sala de aula tiveram início com a proposta da escrita de um pequeno texto onde os alunos deveriam dizer o que eles planejam na vida, completando a frase: “planejar é...”. Inicialmente houve um estranhamento por parte dos alunos que esperavam uma exposição de práticas e metodologias prontas que fossem ensiná-los como planejar, agir e avaliar em sala de aula. Passados os primeiros momentos de surpresa, o trabalho fluiu com mais tranquilidade. Depois de escritos os textos, trocamos entre eles e pedimos que fizessem uma leitura do que foi escrito pelo seu colega e complementasse. Fizemos então uma roda de conversa onde os próprios alunos levantaram as questões que explicavam o que era planejamento. Nessa mesma roda esclarecemos que para um bom planejamento é importante responder algumas perguntas chaves: O que temos? O que desejamos? O que faremos em função do que desejamos? Como saber se o que estamos fazendo corresponde ao que desejamos? E finalmente, o que é mesmo planejar?

Em síntese, os alunos responderam que é preciso analisar o que se tem disponível e qual o conteúdo que tem antes de planejar, sem desconsiderar a realidade em que está inserido e qual o compromisso e as responsabilidades que serão assumidas. O maior desejo que surgiu foi de ter objetivos claros considerando as condições para a prática. Quanto ao que precisa ser feito, disseram que o mais importante é traçar metas e definir a metodologia visando um melhor resultado. E só conseguiremos saber se o caminho está certo se fizermos avaliações processuais durante a prática. Dessa forma, “planejar é” preparar, organizar, ter metas claras, pensar estratégias metodológicas com o passo a passo, para se ter começo, meio e fim bem definidos.

Pedimos então, para que os alunos pensassem seu plano de vida, para que a partir daí pudesse pensar seu plano profissional, de trabalho, de atividades diárias. No decorrer da disciplina procuramos desmistificar essas palavras: planejamento e avaliação. Na primeira

existe uma ideia de que deve ser rigorosamente cumprida, então conversamos no sentido de mostrar que um plano, um planejamento é a definição de uma direção a seguir, com instrumentos metodológicos pensados e providenciados, com preparação do que se pretende, porém, não se pode desconsiderar o movimento da turma, as reflexões surgidas, a realização das atividades que têm um movimento próprio e diferente de cada turma. Por exemplo, o professor pode pensar um planejamento igual para várias turmas, mas o resultado certamente será diferente se o professor tiver a sensibilidade para avaliar no processo, a participação, interesse e respostas que cada turma dará. Isso vai, ao longo do tempo da disciplina, diferenciando as práticas do professor, que pode reavaliar e readaptar o planejamento para melhor atender ao aprendizado dos alunos. Nesta ocasião, citamos o nosso exemplo, que havíamos pensado três atividades para aquele dia, mas as reflexões sobre o que é planejar foram tantas e tão instigantes que realizamos apenas duas. O desafio permanente do professor é se readaptar e incluir em atividades subsequentes o assunto que por ventura não tenha sido contemplado naquele dia.

Por essa razão, concordamos com Lima (2004) quando fortalece a postura do professor como eterno aprendiz, que aprende com suas práticas, e com sua formação que deve ser contínua, “um processo de articulação entre o trabalho docente, o conhecimento e o desenvolvimento profissional do professor e da possibilidade de postura reflexiva dinamizada pela práxis” (p. 45). São essas práticas que vão construindo o ser professor.

Trabalhamos ainda com o conceito de Projeto, na perspectiva de projetos externos dos governos, como também na compreensão de elaboração de um projeto de ação do professor. Quanto aos projetos governamentais, é preciso ter cuidado para não transformar sua prática em mero cumprimento de tarefas externas, desviando-se da sua proposta primordial de atividades docentes. É necessário ter o olhar crítico para esses projetos que muitas vezes estão descontextualizados da realidade da escola, da sala de aula, da vida e trabalho do professor.

Quanto aos projetos institucionais propomos a construção de um texto coletivo, onde um aluno complementava o que o outro escreve, procurando dar coerência ao texto. As principais reflexões foram: “algo encarado sem compromisso e pouco construtivo para o cotidiano escoar [...] acentua o imediatismo e a superficialidade [...] e não tem sustentabilidade [...] voltado para alocação de recursos financeiros e para uma abordagem mais quantitativa [...] algo que fazem por fazer, sem finalidades e perspectivas”³.

³ Trechos do texto coletivo produzidos pelos alunos presentes na aula.

Avaliação: medos e acertos

A dinâmica do trabalho docente nos provoca algumas reflexões, ao qual destacamos uma que achamos necessária: o movimento de criação constante do conhecimento, bem como a mobilização de atividades e experiências, considerando as experiências que esse profissional vivenciou e vivencia em seu cotidiano e no contexto social onde está inserido.

Quando pensamos na temática da avaliação, nos preocupamos em apresentar estudos que possam provocar momentos de diálogo a cerca dos modelos e formas de avaliação, mas principalmente, sobre o que é avaliação e qual a sua finalidade principal. Será que o sistema de avaliação de hoje alcança a sua finalidade? Essa foi uma das perguntas que mobilizou os alunos a refletirem sobre até que ponto a avaliação é formativa.

A avaliação é um dos assuntos de pauta no meio educacional. Pensando no alcance de menor proporção a avaliação pode ser considerada sob dois aspectos: o primeiro se dá quando o professor avalia os alunos e o outro quando é por estes avaliado. Essa relação pode ser um movimento que promove a práxis docente. Assim, a avaliação passa a ser uma tarefa que contribui com a identidade do professor. Esteban (2003, p. 20) esclarece:

A avaliação remete a uma ação da professora sobre os alunos e alunas, muitas vezes vista como uma relação de poder. Esse procedimento também evoca uma avaliação, às vezes indireta, da própria professora. Pelos resultados dos alunos e alunas também se atribuem valores à professora.

A avaliação formativa para Perrenoud (1999) se constitui como uma forma de avaliação contínua, que pretende contribuir com uma melhor aprendizagem, levando em conta os propósitos estabelecidos por professores e alunos de forma que seja possível repensar as práticas pedagógicas.

No decorrer da disciplina utilizamos um vídeo do Cipriano Luckesi⁴ que fala sobre avaliação ressaltando o ranço histórico que temos ao utilizar a avaliação no sistema escolar. Pela tradição se aplica exames escolares que tratam apenas de medir o que o estudante aprendeu ou não, olhando apenas para o conteúdo, como um diagnostico que sinaliza se o aluno está atendendo satisfatoriamente ou não. A avaliação pesquisa a qualidade do resultado

⁴ Cipriano Luckesi, professor aposentado da UFBA, mas atuante nos programas de pós-graduação, palestrante e estudioso da temática Avaliação de aprendizagem, entre outras. Seus escritos sobre esse tema são considerados pelo autor como transdisciplinar. Formado em Filosofia e Teologia, com Mestrado e Doutorado em Filosofia, é autor de livros, artigos e vídeos que tratam entre outros assuntos, sobre avaliação de aprendizagem (Disponível em: http://www.luckesi.com.br/textos/cipriano_carlos_luckesi_resenha_bibliografica.pdf. Acesso em: 20/05/2013).

apenas, agora o que se faz com esse resultado é o desafio. Essa reflexão em sala de aula provocou inúmeros questionamentos quanto ao posicionamento do professor diante da avaliação, o que pensa e o que pode fazer para que de fato corresponda à aprendizagem. Isso levanta um outro questionamento quanto ao chamado fracasso escolar, que gerou uma grande pergunta: esse fracasso é de responsabilidade apenas do estudante?

Vimos que não é só o aluno, mas o sistema, o ambiente, o professor, que por sua vez não se encontra preparado adequadamente para ampliar o olhar de avaliação. Deveria haver um aproveitamento constante escalonando inclusive sua própria atuação, na medida em que a maioria da sala teve um maior ou menor resultado, se a maioria da turma foi aprovada satisfatoriamente o professor conseguiu passar bem o conteúdo, o contrário provoca uma reflexão sobre sua prática de modo que possa alcançar um resultado positivo. Sentimo-nos também provocadas à reflexão de nossas práticas quando procuramos alcançar uma maior reflexão, utilizando alguns instrumentos que facilitem esse processo, considerando a vida e profissão buscando novas formas de conduzir as atividades metodológicas e avaliativas. Essa busca nos levou a trazer para a sala de aula algumas alternativas de ensino.

Finalizamos essa disciplina nos colocando a disposição para que os alunos pudessem experienciar a avaliação a partir da disciplina, de modo interativo e dinâmico, que provocou uma boa aceitação. Assim, não fizemos apenas o registro ou trabalho que o aluno entregasse (memorial), mas no último dia distribuímos uma folha em branco para cada aluno que fez um quadrante (figura 1) onde cada espaço deveria responder as seguintes questões: Vi-aprendi-gostei-não gostei. Pedimos que cada um preenchesse sem assinar (o que estimulou a sinceridade nas respostas), recortasse os quadrantes.

Chamamos quatro voluntários onde cada um ficou responsável por um tema; todos os alunos distribuíram seus quadrantes para cada responsável que leu e socializou as opiniões de todos nessas quatro vertentes. O mais desafiador para o professor é colocar-se de maneira humilde, vez que se expõe ao que o aluno não gostou. Muitas vezes esse aspecto causa uma certa polêmica. Não foi o caso dessa turma, que teve poucos aspectos significativos sobre essa questão, destacando apenas algumas questões com relação ao tempo de aula.

De modo simples realizamos essa avaliação da disciplina que contempla a satisfação do aluno quanto ao que teve de aprendizado. No aspecto do Vi, eles acabaram relatando os textos, autores e vídeos contemplados na disciplina. No aspecto do Aprendi, eles conseguiram elaborar pequenos conceitos sobre planejamento, metodologias e avaliação. E, por fim, no

gostei, eles enumeram o que de fato contribuiu com o aprendizado deles, no nosso caso, ressaltaram o vídeo e as rodas de conversa.

Tivemos também a oportunidade de trabalhar com pesquisa, quando pedimos para eles entrevistarem um coordenador ou diretor de escola. Dividimos os alunos em cinco grupos. A maior dificuldade encontrada foi a disponibilidade das escolas, pois estávamos em período de férias escolares. Mas todos os grupos conseguiram realizar essa entrevista, nos dando a chance ainda de tirar um dia para compreender a importância da pesquisa na formação do professor. Ainda conseguimos fazer a análise desse material de modo coletivo. Distribuindo as dez perguntas para cinco grupos, cada grupo ficou responsável por duas perguntas e todos os grupos entregaram para cada equipe as respostas correspondentes.

Esse olhar para a escola teve um significativo diferencial, porque os fez sair do seu universo de sala de aula e conversar com a gestão sobre questões que tratavam do tema de planejamento e avaliação de modo geral. Verificamos o pensamento que analisa a responsabilidade dos alunos com a educação, enquanto fenômeno social, histórico, que contribui com a transformação do homem, considerando o educador um agente de mudanças na sociedade. Freire (2004, p. 68) afirma que:

[...] o educador já não é mais aquele que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos e em que os “argumentos de autoridade” já não valem.

A percepção dos alunos consegue viabilizar a necessidade de um compromisso social, por parte dos educadores, inclusive no diálogo com a gestão e com os demais professores, a partir de perguntas como: “o que pensa sobre a metodologia nas atividades do seu corpo docente?”, ou ainda: “como é sua participação no acompanhamento e apoio às escolhas metodológicas do professor?” e: “qual a importância do planejamento para o funcionamento da escola?”.

Os gestores e coordenadores entrevistados responderam de modo geral, com respostas vagas e sem apropriação da dimensão desses questionamentos: “*os professores utilizam uma metodologia adequada à realidade da escola*” (grupo A), já o grupo C: “*a atuação do corpo docente é eficaz e os resultados são satisfatórios*” e ainda, “*quanto as escolhas metodológicas do professor, geralmente é combinado coletivamente*” (grupo D) e novamente o grupo C: “*é feito um encontro na última semana de cada mês*”.

A última questão da entrevista coletiva foi: “o que ele pensa sobre avaliação?” E as respostas foram na direção da satisfação que essa gestão tem obrigação de dar aos índices governamentais, senão vejamos: “*Avaliar é ver o que foi aprendido*” (grupo B), “*é acima de tudo um instrumental para o professor*” (grupo A).

Mas, o que registramos aqui foi a avaliação dos alunos quanto a prática da pesquisa no ensino. Consideramos o que Libâneo (2006) afirma ao dizer que não basta ser professor e contentar-se em desenvolver saberes e competências no desempenho da função de professor. É necessário que ele veja mais longe, ou seja, compreenda a intencionalidade do sistema escolar no contexto social e na formação de sujeitos-professores e de sujeitos-alunos.

Pimenta e Anastasiou (2005) afirmam que o *método* de ensinar e de fazer aprender depende, inicialmente, da visão de ciência, de conhecimento e de saber escolar do professor. Embora se tratando de responsabilidade compartilhada, inclui ações diferenciadas de professores e alunos.

Considerações finais

Registrar essa experiência onde tivemos oportunidade de num curso de pós-graduação *lato sensu* em gestão escolar, tratar de temas como planejamento e avaliação, tão polêmicos atualmente, e sermos provocadoras de reflexões com a utilização de rodas de conversas, escrita textual e pesquisa externa, foi um grande aprendizado não só para os alunos, mas para nós professoras, que nos posicionamos na corrente teórica do professor crítico-reflexivo, consciente de sua prática e de sua práxis, compreendendo que os saberes dos alunos podem contribuir com o nosso conhecimento, com nossas pesquisas, e acima de tudo, com a possibilidade de transformações em dimensões micro e macro dependendo do comprometimento as pessoas no desdobramento fora de sala de aula.

Refletir sobre o procedimento de sala de aula, trazer para a análise nossas atividades e os procedimentos metodológicos e avaliativos é uma forma de avaliar o nosso trabalho de formadoras. E, por fim, saber que essa avaliação foi anteriormente o ponto de chegada e é o ponto de partida de novas práticas docentes é no mínimo gratificante. Finalizar a disciplina com a escrita de um memorial de formação, focando no curso de pós-graduação em que faz parte, é reconhecer o valor da vida e trajetória de cada um para que se confirme gradativamente mudanças em suas práticas posteriores.

REFERÊNCIAS

ESTEBAN, M. T. (Org.). **Escola, currículo e avaliação**. São Paulo: Cortez, 2003 – (Série cultura, memória e currículo, v. 5).

FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 39 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2004.

LIBÂNEO, J. C.; OLIVEIRA, J. F. de; TOSCHI, M. S. **Educação Escolar**: políticas, estruturas e organização. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2006.(Coleção Docência em formação – Série saberes pedagógicos).

LIMA, Maria Socorro Lucena. **A Hora da Prática**: reflexões sobre o estágio supervisionado e ação docente.. 4. ed. Fortaleza: Edições Democrito Rocha, 2004.

PERRENOUD, P. **Avaliação**: da excelência à regulação das aprendizagens entre duas lógicas. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

PIMENTA, S.G. & ANASTASIOU, L.G.C. **Docência no Ensino Superior**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2005.